

BRASÍLIA AOS 5 ANOS (I)

# DO SONHO DE DOM BOSCO À REALIZAÇÃO DE KUBITSCHKE

Reportagem de Abdias Rodrigues

Como no Gênesis, no princípio era o verbo... Também em Brasília no princípio era o deserto... e o deserto virou cidade. O sonho secular dos inconfidentes tornou-se realidade, porque um dia o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira chegou ao local, aonde ia dar começo à maior obra do seu governo, e disse:

"Dêsse Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta Alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino."

Tendo sido o sonho de um sábio, foi Brasília, também, a visão de um santo.

Sua história está misturada com o ideal da Independência e com a poesia dos Missionários. Despiu o manto de seu mistério para entremostrear-se, quase corpórea, à contemplação profética de São João Bosco.

Mesmo os que não se dão à leitura dos agiologos e não passaram os olhos pelas páginas do *Flos Sanctorum*, sabem da existência de um Bispo que vaticinou o advento de uma civilização no interior do Brasil, à altura do paralelo 15º, justamente no sítio onde está a nova capital do País.

O nome de São João Bosco e sua obra estão associados ao destino de Brasília. O apóstolo da educação pelo amor adivinhou e viu, num dos transportes naturais do seu gênio, a capital que seria o berço da nova civilização com que ele sonhou.

Viu dom Bosco um leito muito largo e muito extenso que partia de um lago, entre os paralelos de 15 a 20º.

Ergueu-se, então, uma voz, imperativa, reiterada:

"Quando escavarem as minas escondidas em meio a estas montanhas, surgirá neste sítio a Grande Civilização, a Terra Prometida, donde mana leite e mel. Uma inconcebível riqueza estabelecerá. Essas coisas sobreviverão na terceira geração."

Na profecia dos santos, assinala-se a grandeza de um povo pelo signo do seu nascimento. Até o Plano Piloto, de Lúcio Costa, tem a forma de uma cruz.

A imagem de São João Bosco está para Brasília, como a de Santa Genoveva está para Paris. E a de São Sebastião para o Rio de Janeiro. Une o sobrenatural à realidade. Por isso a memória do Padroeiro preside à formação intelectual da nova metrópole, espalhando seu nome por instituições

que são os alicerces morais da grande empresa.

Brasília não é só o feminino de Brasil como ocorreu à pena do professor Júlio Noqueira. É o próprio nome do país em sua forma latina, como se pode ver no mapa de Waldscemüller.

Brasil, capital Brasília. Aos ouvidos de Cassiano Ricardo, a expressão lembra o verso de um poema. Poema tanto tempo desejado. Poema tanto tempo esquecido. É preciso ter a sabedoria de dizer hoje o que se terá de confessar amanhã. É necessário ter a coragem de dizer o que outros têm a ousadia de calar. Os que acreditaram na realização de Brasília são considerados videntes, hoje. E os que negaram agora são obrigados a reconhecer e confessar a grandeza da obra. Os descrentes passaram a ser penitentes com a obrigação de aplaudir, como fez o Cardeal-Arcebispo de São Paulo, ressaltando o respeito devido ao texto sagrado, na página com que a 3 de maio de 1957 celebrou a Segunda Grande Missa de nossa História:

"Não pode ficar escondida a cidade posta sobre o Planalto: sobre este altiplano da terra de Santa Cruz". Acrescentou:

"De fato, o Descobrimento em 1500, a Independência, em 1822 e, na atualidade, a fundação desta nova capital metropolitana, no centro do país, são os três marcos culminantes na vida nacional".

— Um acontecimento — disse o Presidente Kubitschek — que a história recolherá para sempre e a legenda guardará transfigurada.

## PLANALTO CENTRAL

Até pouco tempo era o Rio de Janeiro a nota de sensação e de curiosidade do Brasil no exterior. Competia com o café na cotação dos mercados da Europa e da América. Representava o papel de *vedette* do trópico, quando a nossa capital exprimia um pouco de admiração nos lábios do viajante surpreendido pelas esplêndidas reentrâncias da Guanabara e pela saliência arquitetônica do Pão de Açúcar. Que beleza!

Hoje, o interesse do europeu e do americano deslocase para Brasília.

Destinada a presidir e centralizar os destinos da nacionalidade, como o órgão impulsor da vida, Brasília situa-se em pleno centro do aparelho respiratório. No altiplano brasileiro, recolherá os estímulos de uma atmosfera oxigenada e pura. Respirando-a novas gerações de bandeirantes e pioneiros armarão as grandes "entradas" pelo sertão do Oeste, consolidando os marcos dos conquistadores do século XVII.

Sede dos ideais e centro volitivo da nação será como cérebro e medula, o mais nobre dos órgãos, o mais eficiente em sua estrutura, e o mais indicado em sua irradiação. Três bacias de grandes rios, três sistemas orográficos e divisores de águas constituem o arcabouço ósseo, a blindagem de sua

proteção. Central como o músculo cardíaco será também elevada como o encéfalo. Isso levaria o Cardeal-Arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmelo Vascócelos Motta, a aplaudir o presidente Kubitschek que teve a coragem da empresa.

Filha diletta dos Inconfidentes que a revolvam no pensamento, no mesmo instante em que sonhavam com a liberdade tardia de sua bandeira, foi mais tarde o desvelo do Patriarca, ao lançar a pedra fundamental do Império.

Preocupação dos constituintes da primeira República, perdurou na imagem de todos os legisladores. O instinto dos homens públicos não os enganava.

Na corporificação daquele ideal quase impossível, anteviam a grandeza e a glória das gerações vindouras.

Nos grandes momentos da Colônia, do Império e da República, na intimidade dos conspiradores, nas memórias dos estadistas, persistiu sempre como um ato de fé a criação da nova capital brasileira.

E por quê? Como se explica a prédica de tantos precursores?

Os problemas brasileiros de origem social e política atuantes na sensibilidade de nossos homens públicos, provocava-os a abordar justamente os fatores negativos de maior envergadura no panorama nacional.

Brasília tem uma origem histórica e uma razão sociológica. Se a primeira é relativa, a segunda é fundamental.

A presença de Brasília é um problema de equilíbrio nacional. Basta abrir o mapa e tirar a média da densidade demográfica daqueles oito milhões e quinhentos mil quilômetros que estão à nossa vista mas não ao nosso alcance; no litoral, 15 habitantes por quilômetro quadrado; no interior, 0,5; 64% da superfície do país está desabitada. Onde estão os donos? 93% dos brasileiros se espalham numa área de 36% de sua superfície territorial, deixando atrás dele o sertão deserto... Para uma densidade demográfica estimada em 7 habitantes por quilômetro quadrado as zonas Norte e Centro-Oeste figuram apenas com uma fração decimal, 0,74.

Logo antes de ser uma obrigação constitucional, Brasília é uma ato de bandeirismo. Tarefa para pioneiros. Conquista ou reconquista. Sobretudo, marcha e posse (*Go West*). Posse de alguma coisa que já tínhamos no mapa, mas que nos faltava sob os pés. Chão do Brasil. Caminho de povoamento. Daquele povoamento indicado e reclamado pelo Mestre Capistrano de Abreu.

"Ela nasceu precisamente para ser o ponto de partida ou o ponto de chegada de todos os caminhos que conduzem à sede do governo. Ou por outras palavras: fazer ficar perto do Brasil tudo o que estava longe dele" — disse Osvaldo Orico no seu livro *Brasil, Capital-Brasília*.

## DIMENSÕES

O Brasil como já foi lembrado, possuindo dimensões geográficas de Norte América, vive, sob o ponto de vista econômico e demográfico, reduzido às estreitas proporções de um Chile. Nosso progresso tem sido apenas na orla marítima.

Olhando o mapa do Brasil, vemos a planta de um imenso edifício a ser construído. A planta foi desenhada pelos bandeirantes. Mas o projeto do edifício de uma civilização que deverá ser, sem dúvida, "uma nova componente entre as forças cansadas da humanidade", vem tendo a sua construção adiada para o futuro...

Assim, depois de tantos anos da independência, ainda continuamos no mesmo Sebastianismo econômico: fornecedores de matérias-primas e dos já clássicos produtos de sobremesa, mantendo sempre a mesma especialização em atividades primárias.

A frase não é de Luís Carlos Prestes... É de Stefan Zweig em seu livro *Brasil, País do Futuro*: "... desde que se esgotou o ouro, o Brasil tem falta de capitais; por isso, suas estradas de ferro, suas poucas grandes empresas são construídas ou montadas exclusivamente por companhias inglesas, francesas e belgas, e o novo império, como colônia de grupos econômicos, fica entregue à exploração do mundo inteiro".

O problema é, pois, velho. Velhíssimo. Mais velho do que o da própria mudança da capital. Se em 1789, os Inconfidentes preconizaram a interiorização da sede do governo, o motivo, o móvel imediato daquele patriótico movimento foi a luta contra a colaranga do quinto, no dia da derrama.

E a situação neste ponto persiste de certa forma. E hoje, no Brasil, pior do que a desigualdade vertical das classes, apresenta-se o desequilíbrio horizontal das diferentes regiões.

Os Estados meridionais que obtiveram 39,3% dos empréstimos bancários concedidos em 1950, tiveram sua quota aumentada para 49,9% em 1955. No mesmo período os Estados do Nordeste tiveram diminuída de 5% (já irrisória, em 1950) para 4,7% em 1955.

Mais esta: em 1955, o Banco do Brasil emprestou mais dinheiro ao Distrito Federal que a 13 Estados do Norte e do Nordeste, mais Goiás, Mato Grosso e Territórios. Parece incrível, mas são dados oficiais do próprio Banco do Brasil.

E, como vimos, essa desigualdade vinha sendo agravada, aos olhos insensíveis da administração.

Para solucionar essa situação era preciso levar a Capital do País para o interior e aumentar a produção. Não basta tecer loas às nossas decantadas possibilidades e aos nossos conhecidos recursos naturais. Não basta dizer *Porque Me Ufano Do Meu País*. Não bastam os slogans litorâneos da *marcha para o Oeste*, em um País onde constituir ofensa mandar alguém *ir plantar batatas*. Melhor, mesmo, é ir para o interior plantar batatas para não té-las de importar da Europa...

Mas, antes, para que isso não seja um insulto, urge proporcionar ao trabalhador terras saneadas e a assistência condigna sem dúvida.

Um País que não é, como se diz, "essencialmente agrícola", mas como se sabe, essencialmente sem indústria ainda, deve e necessita voltar suas vistas para a terra, aprender o caminho dos bandeirantes e não ficar ouvindo apenas a música do mar, embalsando-se na saudade ancestral dos litorâneos, que até hoje trazem os olhos pregados nas missangas européias e as costas voltadas para o Brasil.

O que é preciso é o poder público, dando o exemplo, penetrar o sertão para sentir de perto a angústia total do verdadeiro cerne que ficou insulado no tempo e no espaço, pela falta de escolas e de estradas.

O que é preciso é o governo vir também e não apenas indicar com o dedo "rumo aos campos". Em vão, Augusto, para diminuir o êxodo rural que estava ameaçando o Império, encomendara e Virgílio escrevera um belíssimo poema de propaganda, busófica. A obra virgiliana, admirável primícia literária, não deu, porém, o resultado almejado. E o Império Romano ruíu.

## TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL

É preciso o Brasil voltar para dentro de si mesmo. Será a realização de uma grandiosa Pátria, cujo esquema geográfico nos foi apenas traçado pelo heroísmo dos bandeirantes e onde a civilização, infelizmente, tem sedo até hoje como aquele "Rei parafítico, que

não conhecia seus domínios", na incisiva expressão do sr. João Teixeira Alvares.

A transferência da capital, materializando o sonho secular dos vultos superiores de nossa história não constituirá, entre nós, obediência a circunstâncias eventuais ou fortuitas, nem apenas a razões políticas, nem estratégicas, como tem acontecido na União Soviética, na Espanha, nos Estados Unidos, na Austrália, na Turquia. Entre nós, a localização da nova Capital no Planalto Central refletindo a aspiração dos habitantes de todos os Estados, será mais que a formação de um núcleo imparcial de polarização das unidades administrativas, como Washington.

A transferência do centro administrativo, entre nós, faz-se muito mais útil. Prevê-se que ela terá amplas repercussões de ordem material e psicológica para um povo que, possuindo área quase igual à Europa toda, continua com aquela mesma imutável mentalidade transplantada do "Jardim da Europa à beira-mar plantado".

Em *Formação do Brasil Contemporâneo*, Caio Prado Júnior já salientou o sentido da formação econômica do Brasil, como colônia destinada exclusivamente a fornecer ao comércio europeu alguns gêneros tropicais ou minerais importantes: pau-brasil, açúcar e tabaco; depois, ouro e diamante; mais tarde, algodão, café, cacau e minérios.

Realmente, quem estuda o processo histórico do povoamento e colonização do Brasil pode distinguir várias fases. Mas todas essas fases, conhecidas como *ciclos de produção*, caracterizaram-se por um traço comum, que é o "objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenções e considerações que não fôsem o interesse daquele comércio".

Sem dúvida, a localização da Capital da Colônia no litoral, quer primeiramente em Salvador (1549), quer posteriormente no Rio de Janeiro (1763), fora medida muito razoável, lógica e acertada, sob o ponto de vista... de Portugal. Aliás, o fato de os portugueses permanecerem "arranhando o litoral, como caranguejos", é preciso convir, não foi propriamente a atitude do degredado que, tendo chegado à força, ficou à beira-mar à espera do navio de retorno. Não. Tal atitude não era sentimental; tinha suas razões, estratégicas, comerciais, políticas e fiscais.

Os portugueses agiram com muita sabedoria e inteligência, no intuito de manter sempre submissa a colônia e o seu comércio. Para assegurar o monopólio econômico, foram inúmeras as restrições nos setores agrícolas e industriais, visando a impedir a produção de tudo que podia vir, direta ou indiretamente, da Metrópole. Para garantir o domínio político eram proibidas as incursões pelo interior e os próprios núcleos do litoral eram mantidos sem vias de comunicações, isolados comercialmente entre si, estancos, como arquipélagos de "feitorias comerciais", subordinados compulsoriamente a Portugal.

Conforme observaria Saint-Hilaire, não convinha à Metrópole que os colonizadores "deixassem o litoral e se dispersassem pelo interior das terras; não teriam mais a mesma força e não poderiam enviar as suas mercadorias para a Europa".

"Não querem bem à terra, pois têm sua atenção em Portugal", queixava-se em vão, logo nos primeiros anos, o jesuíta Manuel da Nóbrega. Daria de então esse nosso arraigado apêgo ao litoral, e esse desamor à terra, persistente ainda até hoje". Este desamor à terra, como uma característica do brasileiro, foi ainda pouco salientado por Preston E. James, em recente estudo sobre a geografia brasileira.

O fato é que, duzentos anos depois do descobrimento, o patriotismo de Rocha Pita criticava "a tomada de posse às polegadas do território concedido às léguas". Assim permaneceu o Brasil como um troféu àvaramente guardado e resguardado, não só de cobra estrangeira, como da própria iniciativa dos portugueses e de seus descendentes brasileiros.

É certo que a descoberta das minas de ouro (1698) e de diamante (1723), intensificaram-se as incursões ao sertão e o povoamento de certas regiões. Mas a epopéia dos bandeirantes, como uma grande chama a incendiar o terceiro século de nossa história, foi tão grandiosa quanto efêmera. A heróica e a grandeza dos feitos de "uma raça de gigantes" tiveram relevantes consequências políticas na dilatação das fronteiras do Brasil, para muito além dos estreitos limites traçados pela linha do Tratado de Tordesilhas. Os bandeirantes construíram um grande país. Mas, pelas circunstâncias do meio e da época em que tiveram de agir, não puderam construir uma grande nação.